ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA EM BLUMENAU + LITERATURA + ELEIÇÃO NO SINDICATO DE JORNALISTAS DE SC + RACISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL + ESCRITOS DA CARNE + RÁDIO COMUNITÁRIA ADENILSON TELES + XENOFOBIA NA EUROPA

Expressão Universitária

Ano 3 Número 23 Agosto.2011

Uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau

www.sinsepes.org.br

GREVE ESTADUAL

Governo destrói plano de carreira dos professores

Paralisação deixa como saldo positivo o desenvolvimento de um debate mais amplo sobre os problemas e necessidades do ensino público e gratuito em Santa Catarina e no Brasil

»Cartas

Prezados Membros da Diretoria do SINSEPES

Inicialmente gostaria de parabenizar pela condução das negociações salariais de março último.

Também questiono algumas decisões da atual gestão da Universidade, apesar de ter feito campanha.

Atualmente não sou filiado, mas contribuo com meu dinheirinho no Imposto Sindical, que ajuda a manter a estrutura do Sinsepes, entre elas o Jornal.

Vários artigos gosto muito, outros não, por trazer questionamentos unilaterais.

Apesar de ter feito parte de três gestões do Sinsepes (1996 a 2005), gostaria de manifestar a minha crítica e contrariedade com a atual visão e conteúdo do Jornal Expressão Universitária.

Sobre o conteúdo, causa-me a frustração e decepção sobre a cada vez mais, falta de assuntos internos da Furb.

Sabemos que estamos inseridos num contexto municipal, estadual e nacional. Que não podemos ficar alheios ao que acontece ao nosso redor.

Mas a quase totalidade do Jornal sem notícias, anseios, debates, opiniões, pontos de vista sobre assuntos internos da Furb é inadmissível e preocupante.

Antigamente o nosso Jornal (com outro nome), trazia quase a totalidade de assuntos internos da Furb.

Reclamava-se da alienação da base com os assuntos extramuros da Furb.

Hoje o que vemos parece é a alienação do Sinsepes com o debate dos anseios internos da Furb.

Nos últimos anos vemos os assuntos internos da Furb resumidos a 2 ou no máximo 3 páginas de um total de 12.

Recentemente a uma. A última edição - ano 3, número 21, de junho de 2011 - ficou restrita a 1/3 do editorial. Menos de 1/3 de página num total de 12.

Sei que já fui convidado a colocar minhas opiniões no Jornal.

Mas não vou ficar me colocando à disposição como única voz dos problemas e/ou anseios da nossa categoria.

Sobre a atual visão, não sou inocente, sei que carrega conteúdo ideológico-partidário.

Já fiz campanha para o PT por 15 anos e sei que a maioria esmagadora dos Sindicatos estão na mão da esquerda, especialmente o PT.

Mas trazer discussões e debates sobre questões relevantes do nosso cotidiano, como o novo Código Florestal, União Homoafetiva e a discussão do Livro "Por uma Vida Melhor" - utilizado como opção do MEC ao ensino de Língua Portuguesa - trazendo apenas uma visão sobre cada tema desses, é no mínimo perneta.

Perneta porque, quem defende o novo código florestal, amplamente discutido, que disciplina apenas as áreas rurais (as urbanas são direcionadas a outras leis), regulariza áreas que há décadas são utilizadas para a agricultura (principalmente pelos pequenos produtores), são igualados como pessoas do agronegócio, desmatadores ou políticos com interesses excusos. Isso quando não são taxados de reacionários e direitistas.

O nosso estado, apinhada de pequenas propriedades e pequenos produtores, são um exemplo de como a atual legislação é exdrúxula.

Muitos dos que debatem o assunto, não sabem distinguir um pé de alface de um de couve e gostaria de que vivêssemos como no tempo das cavernas.

A produção de alimentos é responsável pelo superávit da balança comercial, pela maioria das reservas do país e pela comida barata na mesa do brasileiro.

Quero destacar que sou contrário ao desmatamento.

Podemos e devemos produzir mais com a atual área. A legislação proposta coloca o perdão até 2008. Os atuais desmatamentos não estão inseridos nesta legislação proposta.

Inclusive desmata-se com a atual legislação que é contrária a isto.

Do outro lado dos "desmatadores, agronegócios" estão também as "ONGs internacionais" que muitas vezes interessam apenas aos países contrários a produção de alimentos no Brasil.

Por causa disso tudo, não sou radical na questão do debate.

Sobre a questão da relação homoafetiva, não sou contrário aos direitos dos homossexuais. Mas sou contrário a criação de uma nova classe privilegiada de pessoas, a qual a simples contrariedade ou crítica, pode ser simplesmente paga com prisão.

Temos direitos e deveres. Somos todos iguais perante a lei. As atuais ofensas e agressões - principalmente físicas - devem ser punidas com a lei, não porque são homossexuais, mas porque são pessoas, cidadãos e ninguém tem o direito de prejudicar nenhum tipo de pessoa.

Temos leis, o que falta é a sua aplicação.

Também sobre a questão do ensino da Língua Portuguesa, apesar de não ser especialista, discordo do livro Por uma Vida Melhor. O livro faz apologia do erro.

É evidente que existe a diferença da escrita e da fala. Mas é através da forma culta que as pessoas são selecionadas na sua vida profissional.

O interessante é que as pessoas que concordam com o livro, se expressam nas suas opiniões por intermédio da norma culta.

Ninguém precisa de livro para errar. O ensino de Língua Portuguesa não é luta de classes, que na minha opinião, é a raiz desta discussão.

Com tudo isto quero externar que existem pessoas que concordam com o que está no Jornal, outras discordam e concordam em parte, outras discordam totalmente.

Mas isto é um direito constitucional, a livre expressão e pensamento.

Mas trazer apenas uma forma de ver o mundo e cada vez mais excluir os assuntos internos da Furb, só servem para distanciar ainda mais a base da diretoria, como também a alienação.

Espero ter contribuído com alguma coisa para este tipo de debate.

Sérgio Luiz Pereira
Servidor técnico-administrativo da Furb

*Texto publicado na íntegra, sem edição

Expressão Universitária é uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau.
Jornalista responsável: Leo Laps (01989JP-DRT/SC).
Projeto gráfico, diagramação e edição: Leo Laps. **Tiragem**: 3.000 cópias. **Gráfica**: Grupo Paulo Pimentel (Curitiba).
Endereço: Campus I da FURB (Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900
Telefone: 47 3321-0400 ou 47 3340-1477 **E-mail**: sinsepes@sinsepes.org.br.
As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Acesse **www.sinsepes.org.br** e confira versões anteriores em PDF.

DIRETORIA SINSEPES

Presidente: Tulio Vidor **Vice-presidente:** Ricardo Machado
Secretário-geral: Joni Júlio Evaristo **1ª Secretária:** Laurete Maria Ebel Coletti
Tesoureiro: Luiz Heinzen **1º Tesoureiro**: Luiz Donizete Mafra
Diretora de Assuntos Jurídicos: Ivone Fernandes Morcilo Lixa **Diretora de Cultura**: Mariana Freitas
Diretor de Comunicação: Carlos Alberto Silva **Diretora de Formação e Saúde:** Nevoni Goretti Damo
Conselho Fiscal: Simone Wagner Rios Largura, Rita de Cassia Marqui e Décio Zendron (titulares), Rubia Carla Ribeiro e Natacha Juli Georg (suplentes)

Em defesa do Expressão: a política como dissenso

Por **Ricardo Machado**, *historiador e vice-presidente do Sinsepes* <ricardomachado1982@gmail.com>

Nas últimas décadas vivemos transformações significativas na produção e circulação de informações no mundo. Há um processo de espetacularização da notícia, centrada na imagem como informação e um esvaziamento de uma imprensa opinativa. Isto produziu uma complexa mistura dos gêneros, de maneira que é quase impossível classificar rigorosamente um programa jornalístico, de entretenimento ou comercial já que todos incorporam técnicas de todos. Para citar exemplos locais, já nos acostumamos com o apresentador do jornal do meio dia, "botar na tela" imagens trágicas de violência urbana, fazendo julgamentos muito precisos sobre a conduta moral dos envolvidos, e logo em seguida apresentar as promoções de uma conhecida loja de material esportivo. Na emissora concorrente, a bela apresentadora já dançou ao vivo e mesmo o ranzinza Valther Ostermann teve que demonstrar simpatia ao apresentar quadros "engraçadinhos" que nada lembram seu discurso moralista. Na imprensa escrita, esta relação entre publicidade, entretenimento e informações é uma constante, inclusive forçando alterações editoriais e na estrutura de diagramação dos jornais comerciais. Vira notícia aquilo que gera polêmica ou drama: hoje um atentado na Noruega e a morte de uma cantora pop, amanhã um esquema de corrupção ou o divórcio de um "famoso" qualquer.

Planejamento urbano, injustiça social e greve dos professores da rede estadual de ensino básico: temas abordados pelo Expressão Universitária dizem respeito, e muito, à função de um sindicato

Noam Chomsky tem usado em seu textos a expressão "engenharia do consenso", para designar a forma em que os grande oligopólios da mídia estimulam o debate público sobre alguns assuntos, mas sempre condicionando o debate a certos parâmetros, evidentemente dialogando com um conjunto de expectativas e preconceitos do público (afinal, nunca é uma relação totalmente passiva). Esta engenharia produz uma sensação de estarmos vivenciando uma sociedade extremante informada, mas que por outro lado tem muito pouco a dizer de algo que seja diferente dos apelos dos mercados e das corporações.

Neste contexto, com a expansão da internet e de outras mídias alternativas surgiu a necessidade e possibilidade de politizar a comunicação. Jaques Rancière afirma que a política não pode ser pensada simplesmente como consenso, mas ao contrário, politizar é o ato de criar dissenso. Em suas obras, o filósofo francês desenvolve uma teoria em torno da "partilha do sensível", conceito que descreve a formação da comunidade política com base no encontro discordante das percepções individuais. A política, para ele, é essencialmente estética, ou seja, está fundada sobre o mundo sensível, assim como a expressão artística. Por isso, um regime político só pode ser democrático se produzir uma multiplicidade de manifestações e posições dentro da comunidade.

Por uma outra imprensa sindical

Não só na Furb, mas em todo o Brasil, há uma longa tradição de imprensa sindical que serve sobretudo a propaganda pessoal de seus dirigentes através da criação de "informativos" sobre as realizações dos eventos, e de quando em quando trazem a público informações econômicas relativas às negociações salariais. Quando criamos o *Expressão Universitária* justamente queríamos inovar, ousar e ir muito além disso, pois merecíamos um jornal que não somente informasse, mas que realmente produzisse reflexões (dissenso?) sobre temas contemporâneos. Esta demanda tornava-se ainda mais urgente na medida em que a própria Furb tinha deixado de ter seu jornal impresso. O Sinsepes, por ser um sindicato vinculado ao ensino superior, sentiu a obrigação de investir em um jornal que pudesse, além de expressar a opinião da diretoria, publicar textos produzidos pelos servidores, de maneira que nosso trabalho intelectual pudesse ser mais conhecido na região.

Hoje alcançamos 23 edições que são distribuídas na Furb e em diversos pontos da cidade de Blumenau, tornando-se referência em imprensa alternativa em toda a região. Nossa atuação caminha na mesma direção do texto publicado na edição de junho de 2011 pela jornalista Magali Moser intitulado: *Jornalismo sindical e contra-hegemonia*. Citando a palestra de Vito Gianotti, ela aborda o tema da seguinte maneira: "Na avaliação do pesquisador, em geral, a pauta dos jornais sindicais se restringe às questões do "próprio umbigo", como ele define. A tragédia inicial na comunicação sindical seria que a maioria dos leitores dos jornais sindicais são trabalhadores cujo único interesse é saber se houve reposição salarial. A preocupação que prevalece é com o próprio bolso, com o próprio umbigo. Como superar isso? Além de abordar questões referentes a benefícios e aumento salarial da categoria, Gianotti sugere que um jornal sindical precisa oferecer educação, cultura, saúde, questões mundiais..." Em um país onde somente nove famílias monopolizam todos os meios de comunicação, a imprensa sindical e as mídias alternativas podem ainda desempenhar um papel fundamental. Por isso, a cada mês produzimos um jornal de qualidade por valorizar as potencialidades de nossa base sindical e das pessoas que vivem em nossa região.

No contexto sindical brasileiro, vivenciamos um momento de burocratização e atrelamento de muitas entidades às estruturas governamentais. Se por um lado, este processo permitiu a implementação de determinadas políticas estatais no mundo do trabalho, por outro esvaziou, em muitas situações a capacidade política de ação e crítica do próprio movimento sindical. Por isso, tornou-se necessário produzir um jornal que ultrapassasse os temas literalmente ligados ao trabalho, mas que refletisse sobre o trabalhador em uma condição mais ampla, para além dos entusiasmos artificiais da burocracia sindical e do pessimismo maniqueísta das oposições que se crêem revolucionárias.

Não é mais possível fazer luta sindical na Furb sem estar atento às condições de trabalho dos professores da educação básica, dos problemas ambientais, dos direitos civis e afetivos, da produção cultural e intelectual que nos cerca e tantos outros temas que vêm sendo discutidos nas páginas do *Expressão* nos últimos meses. Não poderíamos nos calar diante destes temas que tanto nos dizem respeito. Mas somente falar não seria suficiente, pois em mundo já inerte diante de tanta tagarelice, é preciso fazer de nossa ação e de nossas palavras um ato político. De maneira que o *Expressão Universitária* não é somente um jornal. É um ato de dissenso.

Referências:

RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996. 138 p.

CHOMSKY, Noam; BARSAMIAN, David. Segredos, mentiras e democracia. Brasília, D.F : Ed. da UnB, 1997. 142 p.

Pete Prodoehl - http://www.flickr.com/people/raster

Greve encerra. Luta continua

Após 60 dias de paralisação, trabalhadores da rede estadual de ensino público voltam às aulas mobilizados em prol da valorização da Educação

Por **Leo Laps**, *jornalista do Sinsepes* <leolaps@gmail.com>

Uma das maiores greves do magistério catarinense encerrou dia 18 de julho com vitórias e derrotas para a categoria. Se, por um lado, o governo de Raimundo Colombo demonstrou seu grau de descomprometimento com a Educação em Santa Catarina ao destruir o plano de carreira dos educadores do Estado, a adesão de milhares de professores e trabalhadores da área revelou a mobilização política não só da categoria, mas da sociedade civil em prol do ensino público e gratuito – o apoio de pais, alunos e comunidade foi, segundo os grevistas, muito mais significativo que em situações anteriores. A greve em SC, única alternativa para lutar por um direito garantido pelo Supremo Tribunal Federal e pela valorização de quem forma, nas salas de aula, novos cidadãos, durou exatos 60 dias e, em Blumenau, chegou a contar com 90% de adesão dos trabalhadores da rede pública.

Após estrategicamente desviar o foco das atenções para questões como a regência de classe, que dominou o noticiário nas últimas semanas do movimento e ofuscou o principal motivo da greve – o plano de carreira –, o governador forçou a aprovação, na Assembleia Legislativa do Estado (Alesc), de uma lei que retira conquistas históricas do magistério catarinense e achata os salários da categoria. A proposta defendida pelo Sinte/SC, sindicato dos trabalhadores da rede pública estadual de ensino, mantinha proporcionalmente a diferença salarial entre as diversas categorias do magistério, com piso inicial de R$ 1187,00 e teto de R$ 3422,50. No plano salarial aprovado por Colombo e Cia., a diferença caiu pela metade: o valor máximo que um professor receberá será R$ 2317,82. Além do achatamento, não há um cálculo claro das porcentagens de aumento para a progressão na carreira. "O plano de carreira foi destruído, a tabela de progressão ficou achatada. Não existe mais uma diferenciação precisa disso. O governo apresentou valores aleatórios, sem sentido", opina Janílson Lotério, da diretoria regional de Blumenau do Sinte/SC, em entrevista exclusiva ao *Expressão Universitária*. De acordo com ele, ao adotar o achatamento salarial para garantir o salário de R$ 1.187 a todos os professores que recebiam valor inferior ao estipulado pelo Piso Nacional, Colombo contribui significativamente para reduzir a qualidade da educação pública no Estado.

A adesão de milhares de profissionais da área revelou a mobilização política não só da categoria, mas da sociedade civil

Mas apesar do achatamento salarial, a greve revelou uma categoria cada vez mais mobilizada, disposta a lutar por seus direitos. Acostumados a greves menores, com pouca adesão de trabalhadores e muitas vezes criticadas pela sociedade, a diretoria do sindicato viu um novo desafio nesta greve. "Estávamos acostumados com greves envolvendo 3 mil, 4 mil pessoas. De repente, tínhamos 15 mil trabalhadores paralisados, com professores muito jovens. Era um outro público, com pensamentos diferentes. Mas foi uma greve muito positiva no aspecto político. Várias feridas da educação no país foram abertas, como a questão do Fundeb – a maior vitória na minha opinião. Esse dinheiro estava sendo usado de maneira errada em Santa Catarina, e agora haverá mais fiscalização", comenta Lotério. A denúncia de que parte do dinheiro do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, que deveria ser integralmente destinado para a Educação, vinha sendo usado para complementar o total de receitas do governo e aumentar o orçamento do Tribunal de Justiça, Alesc, Ministério Público e Tribunal de Contas do Estado – além de ser destinado ao pagamento de profissionais aposentados, veio à tona logo no início da greve.

Outra evolução apontada pelo Sinte/SC foi o início do debate sobre a democracia nas escolas. Atualmente, partidos e políticos da base aliada detém o poder de indicar diretores e secretários nas escolas do Estado. Não existe eleição, e o cargo mais alto das instituições de ensino está nas mãos de cabos eleitorais, não necessariamente aptos a dirigí-las. "Se uma escola tem 500 alunos, já são cerca de mil eleitores. E em muitas comunidades a figura do diretor de escola é muito respeitada. Quando ele indica um candidato, ou cola um adesivo em seu carro, já é uma forma de ser cabo eleitoral", explica o professor Feliciano Perini, que mesmo aposentado segue participando das ações do sindicato. "Acho que os aposentados que tem saúde para participar, deveriam fazê-lo em prol da Educação", afirma.

Um dos grandes problemas atuais da escola pública em SC é o elevado número de professores ACT (Admitidos em Caráter Temporário), um contingente de 18 mil trabalhadores, quase metade do total. A Secretaria do Estado de Educação se comprometeu a fazer concurso público, o que não ocorre há anos. "A gente já sabe que será uma briga. Vai abrir algumas vagas, mas esse número vai depender da pressão. Nas atuais circunstâncias, é melhor você ser ACT, você ganha mais, mesmo recebendo apenas 10,5 salários por ano. Com essa valorização, você vai ter mais professores sem compromisso com a educação. Quando você faz concurso público, você vai seguir carreira. É a ideia do concurso. Já o ACT, ao receber uma proposta para ganhar um pouco mais, vai sair. É isto que precisamos discutir", defende Lotério.

O fim da terceirização das merendas escolares prometida pelo governo também foi uma vitória da greve. A entrega do serviço a empresas privadas foi uma das últimas ações do governo Luiz Henrique, e trouxe, em todo o Estado, desperdício e má qualidade de alimentos, além de gastos muito maiores. A ideia é voltar a valorizar os produtores locais, trazendo uma alimentação mais saudável para os alunos. Em Blumenau, inclusive, a prefeitura municipal, que também havia terceirizado a merenda da sua rede de ensino, também aponta para a volta ao sistema anterior.

Uma ação de protesto será o fim das rifas e festas das Associções de Pais e Professores (APPs) para arrecadar fundos para a manutenção das escolas. "O pessoal está revoltado. Como o governo não está cumprindo a sua função, não são os professores que terão de cumprir. Isso é um problema, porque afeta a gerência da escola. Quem mantêm as escolas, de fato, são as APPs. Se não fizer rifa, festa, não há recursos para comprar lâmpada, giz, etc", explica Lotério.

Já a internet vem cumprindo um papel essencial neste processo de conscientização. Durante a greve, o blog *sinte-sc.blogspot.com* publicou material e serviu de fórum de discussão, assim como o grupo *Magistério Público SC Mobilizado*, no *Facebook*. Segundo Lotério, o Sinte/Sc pretende batalhar por uma comunicação cada vez melhor com a base. Pelos custos e amplitude, a rede surge como aliada.

Escritos da Carne: Por que nos despimos?

Por **Carla Fernanda da Silva**, *historiadora, professora e pesquisadora da história do corpo* <carlafs@furb.br>

"Eu sempre tive medo de pessoas convictas,
de gente que pensa saber o que é melhor
e que não titubeia em defender as suas afirmações.
Certezas não aproximam pessoas.
Certezas não têm ouvidos.
Certezas carimbam ideais."
***Gregory Haertel**, escritor*

As certezas também normatizam e padronizam corpos e desejos, cirurgias plásticas têm sido usadas para padronizar, uniformizar rostos, seios, bundas, barrigas de 'tanquinho', bíceps, tríceps e etc.; nossas ruas e, principalmente shoppings, tornam-se passarelas de barbie's e ken's com corpos seriados. A diferença é posta à margem, rotulada como exótica, quando não bizarra, justamente em um momento histórico em que somos 'donos' de nosso corpo, livres para transformá-lo por meio da tatuagem, do piercing, escarificação e também da cirurgia plástica, muitas vezes buscando transformar o corpo numa obra de arte. Porém, ainda é a padronização do corpo que prevalece, atrelada a essa imagética de uma uniformização do desejo, do erótico e do pornográfico. Numa sociedade da imagem, o cinema, a televisão, as revistas 'ditam' o que é o certo, e como 'manuais do desejo', determinam como as pessoas devem sentir prazer. O espontâneo, a experimentação, a troca, o diálogo, a descoberta de seu próprio corpo e do Outro são ignorados em detrimento de uma encenação, uma performance que busca imitar o midiático.

Numa sociedade da imagem, o cinema, a televisão, as revistas 'ditam' o que é o certo e, como 'manuais do desejo', determinam como as pessoas devem sentir prazer

Aliado a isso, temos ainda a questão do moralismo, pautado na ignorância e na intolerância à diferença, que é cego ao mundo ao seu redor, é surdo às possibilidades de discussão e tem como postura a repercussão de concepções rasas de mundo que não exigem do seu interlocutor uma reflexão sobre o seu próprio viver. De fato, opta por um simulacro, imitando a 'vida' encenada na TV, e a partir desta artificialidade pretende ser juiz daqueles que o cercam. Julga e culpa aqueles que optam pela intensidade da vida, não suporta a felicidade alheia, pois, segundo Didier Eribon, "perceber a felicidade alheia obriga o indivíduo a pensar sua (in)felicidade". Assim, um mundo padronizado, uniformizado, permite ao moralista se sentir 'confortável' no compartilhar da mesmice e do tédio dos dias e horas a passar. Ou seja, a intolerância à diferença é uma atitude de quem deseja mascarar, esconder sua infelicidade, seu descontentamento num mundo de 'iguais'. Assim, toda expressão de autenticidade é combatida, entre elas a concepção individual de sexualidade e erotismo.

Por isso, de forma a criar possibilidades de reflexão e problematização a respeito da uniformização do corpo e do desejo, foi concebido *Escritos da Carne*, projeto que consistiu em fotografar diversos corpos acompanhados de textos eróticos, em que fotógrafos e fotografados pudessem mostrar suas múltiplas compreensões do viver erótico, tanto em sua expressão corporal, quanto na escolha da literatura, música ou outra arte a ser de inscrita no corpo. Expressões artísticas concebidas a partir do desejo de seus autores, oriundas da sua carne e de suas fantasias, e que nesta exposição estão inscritas na carne dos que se despiram para compartilhar a diferença, possibilitando reflexões sobre o erótico e as diversas representações do desejo. Georges Bataille defendeu que "a atividade erótica é, antes de mais nada, uma exuberância da vida, um objeto de uma busca psicológica", portanto, guarda suas marcas de individualidade como relação do indivíduo consigo e de coletividade no compartilhar de outros devires eróticos. *Escritos da Carne*, enquanto objeto de reflexão, foi uma experiência artística a partir do individual, compartilhada com o coletivo, e não visa ditar o que é erótico; de fato, é uma expressão da diferença, que pretende sim questionar a normatização dos desejos e dos corpos e as atitudes moralistas sempre onipresentes na sociedade, inclusive na Universidade.

Foto: Aline Assumpção e Charles Steuck

O projeto foi viabilizado através do Edital Elisabete Anderle, da Fundação Catarinense de Cultura e do Conselho Estadual de Cultura, e é fruto de um amadurecimento e reflexões sobre a história do corpo, do erótico, da literatura e imagens eróticas. Em seu processo de pesquisa, constatou-se que para evidenciar a multiplicidade do erótico, os ensaios fotográficos deveriam ter múltiplos olhares, por isso foram realizados por sete fotógrafos: Aline Assumpção, Charles Steuck, Carla Fernanda da Silva, Carlos Lobe, Ivan Schulze, Mariana Florêncio e Sally Satler; resultando numa exposição com 21 fotografias compostas por expressões que perpassam pela heterossexualidade, homossexualidade, gravidez e velhice; pelo solitário e religioso, por magros e gordos; ou seja, diferentes corpos e atitudes que possibilitam ao público uma identificação, e não um modelo, um padrão a ser copiado. Nesse aspecto, vejo que o projeto vem atingindo seu objetivo, que é discutir o corpo, a carne, o erótico e também sua diversidade, não só por quem participou diretamente do projeto, mas pelos que visitaram e compartilharam a exposição.

Esse projeto e suas imagens, portanto, não exibem somente beleza e qualidade estética; acima de tudo, mostram um compartilhar de compreensões do erótico, que não se limita a definições teóricas, porque o erótico faz parte do cotidiano das pessoas e cada um tem algo a dizer sobre a sua experiência pessoal. E corroborando com essa concepção, vale citar os dizeres do produtor cultural Márcio José Cubiak sobre a exposição: "O corpo... tão presente na Blumenau desde teutos e tals, revelado nu, sem ginásticas e violências! Só carne e desejo!"

Escritos da Carne deseja instigar, questionar e provocar. É essa arte que me inspira.

Foi por isso que nos despimos!

A exposição está atualmente na Livraria e Espaço Cultural Casa Aberta, em Itajaí/SC (www.casaberta.com.br), e ficará aberta para visitação até o dia 25 de agosto. * Todas as fotografias, bem como os escritos constam no catálogo da exposição, que pode ser acessado no blog do projeto: http://escritosdacarne.blogspot.com

Corrupção do plano diretor favorece especulação imobiliária

Por **Arlon Tonolli**, *engenheiro civil, diretor da Aeamvi (Associação dos Engenheiros e Arquitetos do Médio Vale do Itajaí) e diretor da União Blumenauense das Associações de Moradores (Uniblam)* <arlontonolli@yahoo.com.br>

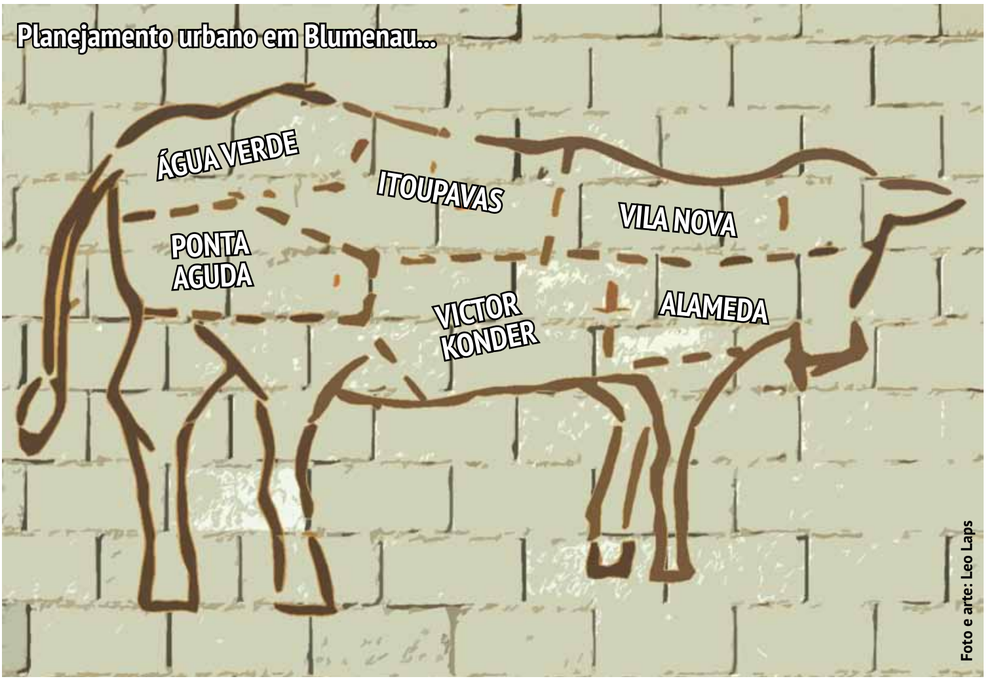


Foto e arte: Leo Laps

No início do ano de 2010, atendendo a um convite da Comissão de Constituição, Legislação e Justiça da Câmara de Vereadores de Blumenau, a Associação dos Engenheiros e Arquitetos do Médio Vale do Itajaí (Aeamvi) e a União Blumenauense das Associações de Moradores e Entidades Afins (Uniblam) apresentaram um documento técnico em matéria urbanística, com referência ao processo de revisão do Plano Diretor da cidade, cujos projetos de Lei Complementar de números 1.050 a 1.054 o Executivo Municipal havia enviado para análise e aprovação do Poder Legislativo. No documento, a Aeamvi e a Uniblam acusaram a atual gestão da prefeitura de promover a desconstrução da Lei Complementar nº 615/2006 (Plano Diretor Participativo), que havia sido elaborada sob os auspícios do Estatuto da Cidade (Lei Federal), mediante a edição da Lei Complementar nº 726/2009. Nesta lei, foi dado um golpe na política de desenvolvimento urbano da cidade, quando foi alterada a composição do Conselho Municipal do Plano Diretor, diminuindo a participação de membros da sociedade civil organizada de 2/3 para a metade (50%). Sequer respeitaram a decisão de uma audiência pública com caráter deliberativo, realizada em 17 de novembro de 2008, onde se decidiu pela extinção do Conselho Municipal de Planejamento Urbano (Coplan), substituindo-o pelo Conselho da Cidade de Blumenau (Conciblu).

Mesmo diante de tantas barbaridades e ilegalidades cometidas, a Câmara de Vereadores aprovou bovinamente e sem emendas a malfadada revisão. O Executivo Municipal fez valer de goela abaixo o rolo compressor da maioria governista de 12 vereadores, dos 15 componentes do Legislativo. Foi uma vergonha!

Houveram inúmeras denúncias no Ministério Público do Estado (MPSC) e, diante da gravidade da situação, a Promotoria da Moralidade instaurou inquérito civil em março do ano passado. Após mais de um ano de vigência destas leis abjetas, ilegais e inconstitucionais, uma nova denúncia empreendida recentemente no MPSC pela Associação Catarinense de Preservação da Natureza (Acaprena), motivada por reclamações de moradores do bairro Água Verde, resultou em cerca de 500 projetos de construções barradas pelo órgão fiscal da lei. Quer dizer, o Plano Diretor de Blumenau virou assunto para advogados, Ministério Público e Poder Judiciário. Um verdadeiro escândalo de corrupção e favorecimentos!

Como ainda não existe em Blumenau nenhum mecanismo compulsório que minimize esta especulação imobiliária, devidamente alicerçado em normas sociais, ambientais e urbanísticas, há uma explosão voraz de inúmeros edifícios residenciais nos bairros mais superadensados da cidade

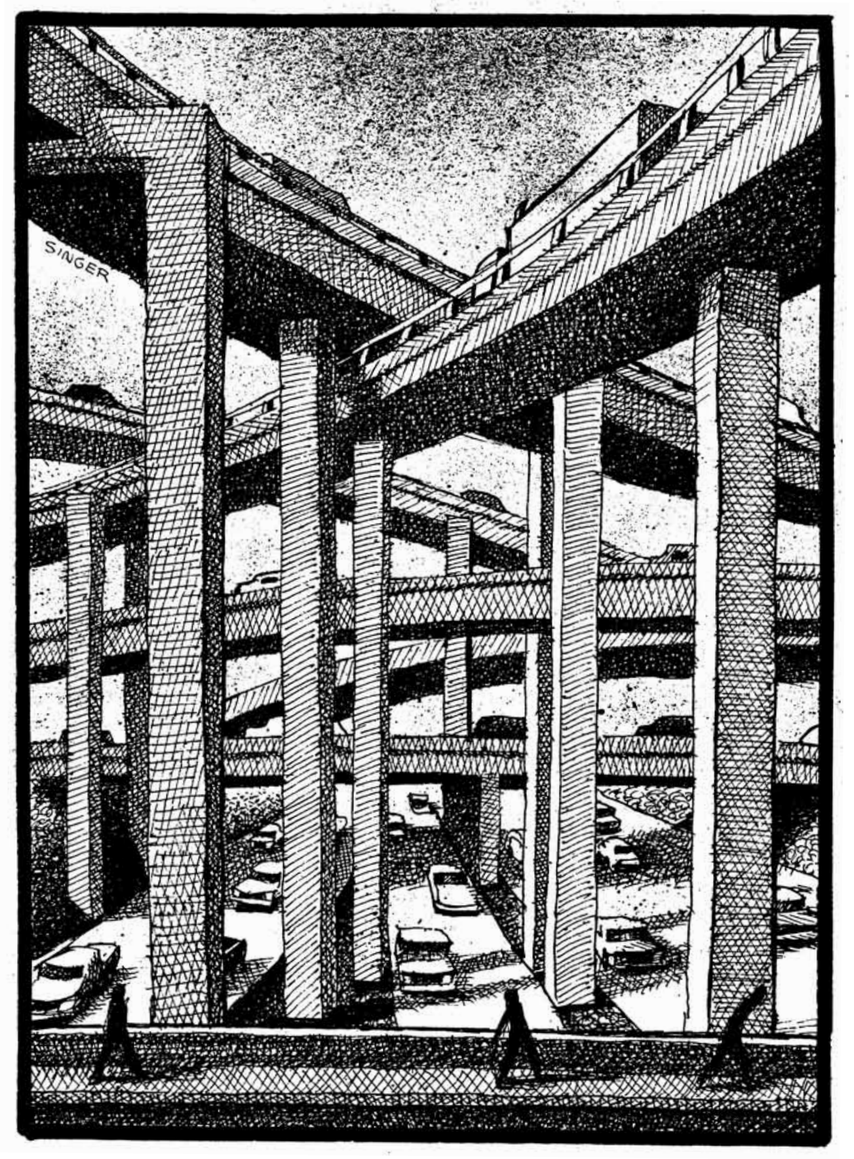
A Lei Federal nº 10.257/2001, mais conhecida como Estatuto da Cidade, impõe diretrizes gerais sobre a implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Urbano que deve ser empreendida nas cidades do Brasil, através do Plano Diretor. Dentro deste contexto, as legislações municipais têm obrigação de cumprir o devido processo legal, quando da elaboração dos projetos de leis de zoneamento, uso e ocupação do solo. Principalmente, é obrigatória a gestão participativa e de controle social no Município. O Estatuto da Cidade não mais admite, na gestão moderna, o governo autoritário, em que as decisões são tomadas no interior dos gabinetes, como aconteceu absurdamente em Blumenau. Neste caso, a Lei Maior prevê atentado à ordem urbanística (artigo 52), podendo o prefeito e demais autores envolvidos responderem processo por improbidade administrativa.

Com a corrupção galopante patrocinada pelos novos códigos do Plano Diretor, a denúncia efetuada pela Aeamvi e pela Uniblam no dia 4 de março de 2010, em documento protocolado oficialmente na Câmara de Vereadores, dizendo que "está havendo uma enorme especulação imobiliária, em benefício de alguns poucos espertalhões, os quais, mediante um pragmatismo mercantilista, insano, estão a promover o regime de engorda de terras, aproveitando-se de todo este processo de revisão do Plano Diretor, que está sendo empreendido inadvertidamente pelo Executivo Municipal" se tornou uma dura realidade rapidamente. É só olhar ao redor e ver o que está acontecendo com o aumento geométrico de arranha-céus, construídos e em construção, nos bairros abastados e mais valorizados, próximos ao centro da cidade. Como ainda não existe em Blumenau nenhum mecanismo compulsório que minimize esta especulação imobiliária, devidamente alicerçado em normas sociais, ambientais e urbanísticas, há uma explosão voraz de inúmeros edifícios residenciais nos bairros mais superadensados da cidade, tais como Jardim Blumenau (Alameda Rio Branco), Ribeirão Fresco, Ponta Aguda, Victor Konder e Vila Nova.

A íntegra do documento protocolado pela AEAMVI e Uniblam no dia 4 de março de 2010, junto ao Poder Legislativo de Blumenau, pode ser acessada na página de Notícias da AEAMVI em www.aeamvi.com.br

Plano diretor: a lei que desenha uma cidade

Por **Daniela Pareja**, *arquiteta urbanista e professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Furb* <danielapareja10@gmail.com>



O plano diretor é um instrumento jurídico que ordena o crescimento de uma cidade, trata-se de um instrumento de trabalho para a política de desenvolvimento urbano, que rege nossas condutas, limites e obrigações como agentes de intervenção urbana. A tendência é seguir à risca o legado da lei, acreditando que o que antecede esta lei é um estudo técnico, amplo e complexo para criar tal legislação, pois a mesma lei vai gerir nossos espaços, incentivar nossa economia, preservar nosso ambiente, definir a partir da nossa infraestrutura e condicionantes ambientais, sociais e culturais o que é possível e o que é viável pautar em nossos critérios de crescimento e desenvolvimento urbano.

Ficar claro que o desenvolvimento da cidade está pautado prioritariamente na lógica estrutural. Não se debate o caráter da cidade, a estrutura social, o potencial humano que permeia a dimensão urbana

Blumenau foi uma das primeiras cidades brasileira a ter um plano diretor: na década de 1970 já tínhamos uma lei que regia nossas intervenções urbanas. Tivemos algumas revisões e uma tentativa de projetar como será a Blumenau de 2050. Recentemente, vimos nosso plano diretor ser embargado pelo Ministério Público do Estado (MPSC), que questionou o processo de transição entre o antigo plano e o novo plano revisado. Com isso, temos um impasse na cidade, um sentimento de dúvida sobre os critérios que desenham essa lei e essa revisão.

Temos nessa nova revisão e no debate sobre Blumenau 2050 alguns conceitos novos como a liberação do gabarito, a "participação popular", incentivo ao transporte coletivo, indução de crescimento para a região Norte, a tentativa de estabelecer novas áreas de proteção ambiental e uma série de conceitos e perspectivas eletrônicas que vem banhar o discurso da "modernidade". Porém, o que vimos são conceitos desarticulados com a demanda do dia a dia, e isto incide em um grande risco, já que essa é uma lei que define o desenho da cidade.

Um exemplo são as falhas que o código apresenta e que estão sendo questionadas pelo MPSC, pois não ficou claro como se daria a transição entre os projetos que já estavam protocolados antes da revisão ser oficializada, e com isso temos vários projetos embargados esperando uma definição. A esse exemplo, outros virão, pois existem várias lacunas abertas, que possibilitam diversas interpretações.

Outro exemplo é a questão dos estacionamentos: se o principio que rege o discurso é ter uma cidade em que se prioriza o transporte coletivo, por quê o índice de estacionamento nos edifícios comerciais continuam iguais? Pela lógica, teríamos que reduzir os estacionamentos para incentivar o uso do transporte coletivo. Novamente essa transição não se resolve: há pouco tempo tivemos que reduzir a área de uma escola em 500m2, pois o terreno não dispunha dos 1.200m2 de área proporcional para estacionamento, como pedia o plano diretor. Com isso fica a pergunta: para que tantas vagas? E também por que um estabelecimento educacional continua sendo considerado como área comercial comum? Esse é um exemplo bem pontual mas expressa as lacunas que estão abertas.

Outra preocupação é olhar a lei e o desenvolvimento da cidade apenas pelo ponto de vista da infraestrutura. Basta olharmos os documentos do Blumenau 2050 para ficar claro que o desenvolvimento da cidade está pautado prioritariamente na lógica estrutural. Não se debate o caráter da cidade, a estrutura social, o potencial humano que permeia a dimensão urbana, a sutileza do nosso potencial paisagístico, que é peculiar, a complexidade ambiental e de risco. Não aparece nesse processo todo de revisão e debate a articulação necessária entre a lei e a ação política, e do jeito que está, seguimos na incerteza de uma lei que pode gerir um desenho duvidoso para nossa cidade.

Rádio Adenilson Teles: um símbolo de resistência popular

Por **Magali Moser**, *jornalista do Sindicato dos Bancários de Blumenau e Região (SEEB) e do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau, Gaspar e Indaial (Sintrafite)* <magali.moser@gmail.com>

À primeira vista, a pequena construção passa despercebida. Lá dentro, uma caixa de som toca MPB. Cores vibrantes, versos poéticos e cartazes de Che Guevara dividem espaço nas paredes e descortinam um novo cenário. Desde 1997, quando foi criada a partir de uma parceria entre sindicatos, pastorais, representantes comunitários e Universidade, a Rádio Comunitária Fortaleza Adenilson Teles carrega nas suas ondas de transmissão a história de luta por uma comunicação popular e democrática. Em 14 anos, a Emissora enfrentou dificuldades, além das limitações orçamentárias. Por duas vezes, a rádio foi fechada pela Polícia Federal – em uma delas, dois de seus idealizadores chegaram a ser presos. As marcas deixadas pela tragédia de 2008 ainda estão no quadro com a foto de Sebastião Salgado, fixado ao lado da porta de entrada – que não permite esquecer a altura de quase dois metros atingida pela água barrenta. Apesar de todos os ventos contrários, a rádio se mantém como símbolo de resistência e instrumento de transformação.

Desde sua criação, a primeira e única rádio comunitária de Blumenau funciona na sede da Associação dos Moradores do Bairro Fortaleza, na Rua Leonor Virmond Leitão, e é gerida por uma associação de difusão, composta por moradores do bairro. O jornalista Adenilson Teles foi um dos principais idealizadores da emissora. À frente da rádio desde as primeiras transmissões, ele chegou a ser preso em 2004 pela Polícia Federal, que lacrou a emissora e apreendeu equipamentos e CDs. Na época, a rádio ainda não tinha a outorga de funcionamento concedida pela Anatel. Mas a importância da emissora em prol de uma comunicação popular já era reconhecida, tanto que no julgamento do caso o então bispo da Diocese de Blumenau e jornalista, Dom Angélico Sândalo Bernardino, que foi uma das testemunhas, no seu depoimento defendeu com ênfase a necessidade da Rádio Comunitária.

"Pouco antes da prisão, participamos da cobertura de um evento no bairro, o Strassenfest, conhecido como o Stammtisch (encontro de amigos) do bairro Fortaleza. Uma rádio comercial instalada ao lado da nossa ficou incomodada com nossa audiência e aprovação. Alguns dias depois a Polícia Federal bateu na rádio. Tocaram a campainha e me deparei com Polícia Federal e dirigentes da Anatel. Fomos levados algemados para Itajaí, onde o próprio delegado da PF percebeu o abuso de autoridade, já que não resistimos à prisão. Queriam nos intimidar, mostrar que tinham força. Foi um único dia de prisão, mas se tornou uma tortura. Até hoje, quando ouço o toque da campainha, fico mal", relembra um dos diretores da emissora que foi preso junto com Teles, Antônio Gonçalves.

Apaixonada por rádio desde criança, América Lopes começou como voluntária da Adenilson Teles: "Apesar de todas as dificuldades, eu estou aqui porque quero manter a rádio" *(Foto: Magali Moser)*

Em 2007, aos 33 anos, o jornalista Adenilson Teles faleceu em um acidente de carro na BR-470, sem ver alcançado aquele que foi um dos objetivos pelos quais mais lutou: a outorga da rádio. A longa espera durou quase dez anos e finalmente saiu em novembro de 2007, um mês após a morte de Teles. A homenagem ao jornalista não está apenas no nome da rádio e na parede da casa que serve como sede, onde o artista Clóvis Truppel retratou o rosto de Teles: ele permanece vivo nas lembranças de quem teve a sua convivência.

"Nas atividades alusivas a um 1º de Maio, o Teles me convenceu a levar todo o aparato da rádio para fazer uma transmissão diretamente da Vila União. Eu achava tudo aquilo uma loucura, todo o trabalho de deslocar e montar os equipamentos para um único dia de transmissão. Depois eu entendi que isso fazia parte do processo pedagógico. As crianças e toda a comunidade se envolviam", lembra o presidente do Sindicato dos Bancários de Blumenau e Região, Leandro Spezia, que acompanhou Teles em sua empreitada.

"O Teles foi quem mais lutou pela Rádio. Se existe a rádio hoje é por conta dele. Temos a obrigação de lutar pela permanência da rádio para não deixar morrer este sonho dele", afirma Antônio Gonçalves.

Após a tragédia de 2008, artistas locais se uniram em uma espécie de mutirão para dar vida à Rádio novamente. Entre eles, Bruno Bachmann, Clóvis Truppel, Marcelo Labes e Nestor Jr. coloriram as paredes da sede da emissora com poesias e tons vibrantes. A estrutura ganhou nova roupagem, mas o conteúdo seguiu as premissas que conduzem a emissora desde o início. A programação contempla programas de rock, MPB e outros essencialmente comunitários, como o conduzido por pacientes do Centro de Atenção Psicossocial (Caps).

Além do conteúdo e da missão, um dos principais elementos que diferenciam a Rádio Comunitária Fortaleza das emissoras comerciais do município é a abrangência geográfica. A rádio atua em baixa frequência (25 watts) e possui uma programação voltada para uma comunidade específica. Segue o preceito de que a comunicação é um direito assegurado pela Constituição Federal e pela Declaração Universal de Direitos Humanos. Já as ditas "rádios comerciais" abrangem regiões maiores e com a preocupação comercial.

"Sempre priorizamos a comunidade mais carente. Conseguimos atender aos pequenos comerciantes – o sapateiro, o alfaiate, o mecânico do bairro. As agremiações maiores já têm suas próprias estruturas e conseguem lançar suas propagandas em outros veículos. Ao longo desse período houve muitos oportunistas, tentando utilizar a rádio para se auto-promover. Mas nossa política é não permitir esse tipo de conduta. Nossa prioridade é a comunidade. É isso que nos torna uma emissora diferenciada", acredita o secretário da emissora, Antônio Simas, que acompanha a rádio desde o início.

Sintonizada pela frequência 98,3 FM, a Rádio Comunitária Fortaleza é mantida essencialmente pelo trabalho de voluntários e por doações de sindicatos de trabalhadores de Blumenau, que contam também com espaço na programação. São apenas dois funcionários: Anderson Engels e América Lopes. A paixão pelo rádio acompanha a jovem desde pequena, quando tinha como companhia um pequeno rádio a pilha. Depois de trabalhar em outros ramos, pensou em se dedicar ao trabalho de radialista. Começou como voluntária. Fez cursos, aperfeiçoou-se. Aos 30 anos, América comanda o programa Sons da América às terças, das 20h às 22h, com a proposta de valorizar o rock e as pessoas comuns, através de entrevistas.

"Fazer rádio para mim é primeiro realmente gostar do que se faz. É amor, amor pelo rádio, carinho pela programação. Vir aqui colocar música é muito fácil. Eu tenho preocupação com a qualidade da programação. Apesar de todas as dificuldades, eu estou aqui porque quero manter a rádio, não quero que isso acabe", revela.

Tanto amor pela Rádio faz com que América às vezes se deparasse com situações inusitadas, como apresentar o programa com a filha no colo ou abrir mão de tudo para estar na emissora no dia 31 de dezembro. É assim também para Anderson Engels, apresentador do programa Entre Mundos, que vai ao ar todas as sextas, às 20h. Dos episódios vividos na rádio, um dos mais marcantes para ele foi o trabalho durante a tragédia de 2008.

"As portas estufaram por conta da água, nenhuma delas fechava e tivemos que dormir lá todos os dias em meio àquele tumulto. Colocamos a rádio no ar com equipamentos emprestados já que toda a aparelhagem de som ficou debaixo d' água, e voltamos a dar notícias sobre as famílias nos abrigos", lembra o comunicador.

É acreditando na força do meio de comunicação como instrumento de transformação que a Rádio Comunitária Fortaleza atua desafiando interesses políticos e pessoais. Desta forma, a emissora representa uma alternativa de participação popular na comunicação, ao transmitir outras versões dos fatos, comunicar eventos de interesse local que não aparecem nos grandes meios, criar canais de informações que se constituem em direito fundamental para o exercício, conquista e manutenção de outros direitos.

Apesar das dificuldades diárias enfrentadas pela emissora, o espírito de solidariedade para superar os desafios impressiona. Como concluiu Teles no trabalho intitulado: "Nas Ondas Comunitárias – o movimento das rádios comunitárias em Santa Catarina", fruto da conclusão do curso em Jornalismo pela Univali, em 1999: "O movimento em defesa das rádios comunitárias luta, sobretudo, para construir uma sociedade com mais justiça social e verdadeiramente democrática."

Ouça a rádio na 98.3 FM ou em http://www.comunitariafortaleza.com.br/

A Humanidade entre o Multiculturalismo e o Massacre

Por **Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira**, *professor de Política Mundial do Curso de Ciências Sociais da Furb* < jorgegbo@furb.br>

Os atentados ocorridos na Noruega, no passado dia 22 de julho, que levaram à morte 77 pessoas e feriram mais 97, jovens na maioria, foram perpetrados por um homem que se assume da direita radical, cristão e nacionalista. Diz o assumido assassino, o norueguês Anders Behring Breivik, que seu ato foi cruel, porém necessário, pois a política de "importação em massa" de muçulmanos por parte do governo esquerdista contribui para o processo de destruição da cultura cristã, em especial no seu país e na Europa. Era preciso, pois, ainda segundo o autodenominado cruzado, lançar um alerta à população sobre os graves riscos que ela corre, preparando-a para a grande guerra de libertação, a decorrer em três fases, até a vitória, de acordo com seu manifesto, intitulado *2083: uma Declaração Européia de Independência*.

Alegadamente, Breivik fez tudo solitariamente, em plano longamente pensado, da compra de armamentos e de fertilizantes para fabricar explosivos, até as operações no centro de Oslo e na ilha de Utøya. Questão, entre tantas outras, que as investigações deverão esclarecer. Se operacionalmente é possível alguém, sozinho, efetuar tais atentados, já não o é, no entanto, que uma pessoa singular conceba o substrato ideológico que a motiva a agir desta maneira, sem referir o delicado processo de obtenção dos meios para fazê-lo.

Segundo o Escritório Central de Estatística da Noruega[1], em abril deste ano, 4 937 000 habitavam o país, com previsão de chegar a 5 milhões entre fevereiro e abril de 2012. Imigrantes são 500 mil, dos quais 150 mil muçulmanos. Em termos religiosos, 84,2% da população é composta de cristãos. Professam o Luteranismo 80,6%. As religiões não-cristãs representam 2,4% – destes, 2,0% são islamitas. Não-religiosos e sem crença conhecida atingem 13,2%[2].

Estes números mostram que a imigração muçulmana não é questão estatisticamente relevante. A Noruega, segundo o Diretório de Integração e Diversidade[3], tem uma alta taxa de integração, com mínimas diferenças de participação, quer no mercado de trabalho, quer na educação dos descendentes de imigrantes. O antropólogo da Universidade de Oslo, Thomas Hylland Eriksen, afirma que há uma Noruega multicultural que funciona. Contudo, contraditoriamente, ele assinala: "A ideia de que o islão é uma ameaça está bastante espalhada. E também de que os muçulmanos não são democratas".

Procuramos no sistema político explicações para tal percepção. Ali figura o Partido Progressista[4] (FrP), de extrema-direita, com seu proselitismo islamófobo, que conseguiu fazer da imigração um dos principais temas de disputa política. Anders Breivik foi a ele filiado, mas, após dez anos, desligou-se porque o FrP já não lhe era radical o suficiente. Em 2009, enquanto a coalizão governista de esquerda fez campanha com a promessa de reforçar a atuação social do Estado e de defender o emprego, a oposição de direita prometia se bater pela redução dos impostos, promover privatizações e reduzir a imigração.

É importante notar que, a seguir aos massacres de 22 de julho passado, as ideias de Breivik não foram repudiadas pelos partidos de extrema-direita européia. Da Itália, o deputado ao Parlamento Europeu pela Lega Nord, Mario Borghezio declarou que achava "ótimas" as idéias do atirador, com exceção das mortes. Por sua vez, Francesco Speroni, ex-ministro de Silvio Berlusconi, reconheceu que... "As ideias de Breivik defendem a civilização ocidental" (*sic*). Na França, Jacques Coutela, do partido Front Nationale, afirmou que Breivik era "o maior defensor do Ocidente". Foram repreendidos pelos respectivos partidos, sem grandes conseqüências. O histórico líder do Front Nationale, Jean-Marie Le Pen, que cedeu o posto à sua filha em janeiro deste ano, por sua vez, preferiu não deplorar os atos do assassino, mas sim a "fragilidade" da Polícia norueguesa, por não usar armas. Já a conservadora chanceler alemã Angela Merkel declarou que "o multiculturalismo fracassou na Alemanha". Estes políticos deixam mostrar que há um número significativo de cidadãos, nestes e nos outros países, que compartilham tais ideias, embora não as assumam publicamente.

Enquanto isto, na Noruega, o primeiro-ministro Jens Stoltenberg declarava que os noruegueses não devem ter medo, precisam continuar nas ruas e responder com mais participação política, com mais democracia. De seguida, constituiu uma Comissão Independente para apurar, em simultâneo com a Polícia, as origens e as causas dos atentados a fim de, oportunamente, expô-las publicamente. Três dias após os atentados, mais de 150 mil cidadãos saíram às ruas e deixaram um mar de rosas, pontilhado de velas. Foi uma homenagem aos mortos, mas também uma resposta a quem os agrediu. Vários declararam que não tinham ódio ao assassino, mas desejam saber como funcionava a sua cabeça e as razões para tanto sofrimento. Outros disseram que o País sairá mais forte desta terrível prova. Uma semana depois dos atentados, todos os partidos registraram aumento das filiações, inclusive de jovens. O Partido dos Trabalhadores crescia em 11% suas intenções de votos nas próximas eleições municipais.

Três dias após os atentados, mais de 150 mil cidadãos saíram às ruas e deixaram um mar de rosas, pontilhado de velas
(Foto: Dmitry Valberg - http://www.flickr.com/photos/gcardinal/)

É difícil definir o rumo dos acontecimentos a longo prazo. Mais vale ponderar sobre as motivações e as condicionantes do quadro sociopolítico. Claramente, os atentados visaram atingir o Partido dos Trabalhadores, tanto o governo como seus jovens militantes. Também visaram o que Breivik definiu como o marxismo/multiculturalismo e a expansão do islamismo por terras cristãs. Suas declarações dão azo a uma espécie de programa político, voltado a combater tudo o que representa a Noruega e os ideais de integração e convivência dos diferentes, com menores desigualdades.

Para o leitor ter uma ideia sobre a distribuição dos salários frente às profissões[5], referimos que em uma empresa, as diferenças de remunerações entre quadros dirigentes e os trabalhadores de base são de duas vezes em favor dos primeiros, podendo chegar a três vezes. Nas universidades, os professores situados no topo da carreira, uma vez descontados os impostos, ganham o dobro dos trabalhadores colocados nos níveis salariais mais baixos. Aqui no Brasil, nas mesmas ocupações, a diferença pode ultrapassar as 18 vezes em favor dos primeiros.

O Estado de bem-estar social garante, a todos os cidadãos legalmente residentes no País, seja nacional ou estrangeiro, gratuidade no acesso à Educação, à saúde e aos cuidados às crianças e aos idosos. Garante igualmente acesso ao seguro desemprego e à requalificação profissional, acompanhado de auxílio à moradia para quem não a tem, ou não tem renda para suportar aluguel.

Logicamente, a construção de tal sistema, implicou históricas lutas políticas. A etapa contemporânea destas lutas começou na década de 80 do século XIX, a partir das fundações dos sindicatos modernos e do já citado Partido dos Trabalhadores Noruegueses. No caminho tiveram de conquistar a independência, a 17 de maio de 1905, enfrentaram cinco anos de ocupação nazista (1940-5), e toda a força de um sistema mundial organizado para concentrar a riqueza social em mão de cada vez menos senhores do capital.

A atual crise do capitalismo global, com tudo o que se observa em termos de recessão, de desemprego, de perdas de direitos sociais, de privatizações, mundo afora, aponta para o agravamento das tensões sociais. Até aqui os noruegueses, de muitas origens, culturas e religiões, como se viu em Utøya, resistem bravamente. Com este massacre, já pagam elevado preço. O processo não é simples, é mesmo delicado. Porém, aos que desejam seguir vivendo, de forma humanamente digna, as lições recebidas são cruciais.

---

[1] *Statistisk Seltralbyrå <http://www.ssbno/folkendrkv/> Esta, como as demais consultas em endereços URL da Internet ocorreram em 01/08/2011.*

[2] *http://en.wikipedia.org/wiki/Demographics_of_Norway#Immigration*

[3] *http://www.publico.pt/Mundo/nao-vejo-diferenca-entre-anders-breivik-e-a-alqaeda_1505335?all=1*

[4] *Framstegspartiet (FrP), com 22,9% dos votos nas últimas eleições parlamentares, em 2009, é o segundo maior partido no Storting (Parlamento). Da coalizão de governo fazem parte o Partido dos Trabalhadores Noruegueses – Det Norske Arbeidarparti (DNA), com 35,4 % –; o Partido Socialista de Esquerda – Sosialistisk Venstreparti (SV), com 6,2% –; e o Partido do Centro – Senterpartiet (Sp), também com 6,2% . Conferir <http://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_parlamentares_na_Noruega_em_2009>*

[5] *Sugerimos a consulta ao jornal norueguês Verdens Gang (VG) http://www.vg.no/dinepenger/artikkel.php?artid=10080582.*

Matéria: VG Nett, Dine Penger
Publicado em 26/07/11 - 14:50, editado 26.07.11 - 14:51 (AP)

Para saber mais sobre a Noruega, leia o livro de Berge Furre, *História da Noruega: Século XX: da Independência ao Estado de bem-estar social* (Edifurb,2006), disponível na Biblioteca da Furb.

"o que não vaza é pele"

Participante do Fitub é agredido covardemente por dois policiais militares em Blumenau

Na madrugada do dia 15 de junho, o ator mineiro Alexandre da Sena foi brutalmente espancado em Blumenau por dois policiais militares a socos, chutes e coronhadas em frente ao Posto Hass, onde se reunia com participantes do Festival Internacional de Teatro Universitário (Fitub) para conversar e se divertir. Alexandre era, coincidentemente, o único negro do grupo. A agressão ocasionou perda parcial da audição de um dos ouvidos do ator que, agora, luta para que seus agressores sejam punidos.

Até o fechamento desta edição, os dois policiais sequer haviam sido identificados ou afastados. Em mais um episódio absurdo da rotina policial brasileira, o comando do 10º Batalhão da PM saiu em defesa dos agressores na mídia local. Argumentou que os PMs teriam espancado o ator porque "devem ter sido" agredidos primeiro. Mas não seria um dos princípios desta corporação proteger os cidadãos? Há uma câmera de segurança da própria Polícia Militar bem em frente ao local do incidente, mas o comando alegou que não há registro de movimentos durante o horário da abordagem policial. Alguém duvida?

No dia seguinte, participantes do Fitub fizeram um protesto pelas ruas centrais da cidade, carregando flores e vestindo preto. Sena prestou queixa na delegacia, solicitou um exame de corpo de delito à própria PM e denunciou a agressão na corregedoria da instituição. O Movimento de Consciência Cisne Negro fez ato de repúdio à agressão na Câmara dos Vereadores e vai acompanhar o caso. Já o ator está em Belo Horizonte, onde realiza tratamento médico.

Leia a seguir trechos do longo relato publicado por Alexandre na internet, intitulado "o que não vaza é pele". Para ler o documento na íntegra, acesse o site do Sinsepes.

Charles Steuck

(...) no dia 12 (de julho), após assistirmos ao espetáculo "trajetória \"x\"\", (...) fomos jantar na companhia da professora ana fabrício [faculdade de arte do paraná - fap - curitiba/pr] e por coincidência um dos assuntos foi a porcentagem de negros no sul do país. (...) mais tarde, voltamos eu, byron o'neil e rodrigo soares ao ponto de encontro do fitub, que acontecia no foyer do teatro carlos gomes (...)

o ponto de encontro encerrou suas atividades e cerca de 60 pessoas se dirigiram, após sugestão do organizador do bar do ponto de encontro, ao posto hass. O intuito foi continuar as conversas sobre teatro, ensino das artes, intercâmbio e festivais antes de retornarmos ao hotel. era por volta de 3h20 do dia 13 de julho. (...) às 3h40 chegou uma viatura da polícia militar no posto. a viatura estacionou de modo a obstruir a visão daqueles que se localizavam dentro da loja de conveniência. os policiais abordaram estas pessoas dizendo "saiam daqui bando de vagabundos" entre outras frases que não me recordo. como atuo em em belo horizonte com movimentos populares buscando a ocupação humanizada da cidade e por fazer parte de uma família de militares vi que aquilo não era o correto e indaguei que a forma estava errada (...) meu sócio, rodrigo soares, se aproximou e perguntou se estava tudo bem, eu disse que sim e ele, acompanhado por byron o'neill, foram até o interior da loja de conveniência para comprar cigarros e cerveja para irmos embora. enquanto as pessoas se afastavam, me assentei no meio fio da parte externa do posto para aguardá-los. ouvi um grito: "VAZA NEGÃO!". olhei para trás e constatei que o brado era comigo. vendo que um dos dois policias se dirigia a mim, levantei para explicar que eu estava aguardando meus amigos. após minha resposta, ouvi: "AQUI NÃO É O SEU LUGAR! vaza negão!". após esta frase levei um TAPA na orelha direita. ouvi um forte estampido e disse: "o que é isso!? você me machucou!". ele: "sai daqui! aqui não é seu lugar!" ainda me atingindo com SOCOS e CHUTES. continuei dizendo: "está errado. você não pode fazer isto!". (...) mesmo assim os socos e chutes continuaram.

o segundo policial gritou de onde estava, mais afastado: "o que você está fazendo aqui?" e se dirigiu até onde tudo estava acontecendo. inocentemente, acreditei que ele ia reconhecer a ação absurda de seu colega de corporação. inocentemente... "aqui não é seu lugar, negão! sai fora! vaza!". ele deu meia volta, foi até a viatura, pegou uma ESCOPETA, se dirigiu a mim e desferiu VÁRIOS GOLPES no peito. (...) procurei a identificação dos policiais (...) e disse: "vocês estão sem identificação! isto está errado!". (...) fui atingido mais e mais. quando percebi que podia ser espancado até a morte ali, de pé, dei as costas e saí ANDANDO, quando a parte posterior do meu corpo se tornou alvo.

(...) meus dois sócios/amigos saíram da loja sem perceber o que havia acontecido. indagaram os policiais pela forma da primeira abordagem. para minha surpresa, os representantes da justiça não tiveram a mesma reação que tiveram comigo. (...) o rodrigo se aproximou, pegou meu aparelho celular e tirou uma foto da placa da viatura. saímos do local em direção ao hotel, quando liguei para o 190, para pensar na próxima ação. fui indicado a procurar a corregedoria da polícia militar.

(...) lá relatei o fato e identificamos os ocupantes da viatura, que permaneceu no posto até por volta de 5h. fato elucidado através do monitoramento do gps da pm. a tenente, ao reconhecer os policias, teve uma expressão que traduzo: "é... realmente sei quem são", como quem já conhece o histórico destas pessoas. apesar disso não revelou os nomes. fez uma solicitação para o exame de corpo delito.

(...) no dia 14 fiz o exame que constatou um rompimento do tímpano [50%]. (...) fiquei sabendo que a polícia militar não pode solicitar o corpo delito, somente a polícia civil. A pressão da chegada de dezenas de populares e da imprensa fez com que este protocolo fosse quebrado e o exame realizado.

(...) me dirigi à 1ª delegacia de polícia de blumenau [polícia civil] onde fui recebido pelo agente paulo lázaro correa. o atendimento no princípio foi o "tradicional". (...) a escuta só foi mais humana, como deve ser o atendimento a qualquer cidadão, quando simultâneamente uma matéria foi exibida no telejornal local, às 12h30, com depoimento meu e posicionamento do comandante da PM de blumenau.

(...) ainda em blumenau, conversei com muita gente. várias pessoas, chorando, pediram perdão pela ação dos policiais. muitas ficaram preocupadas com a imagem que eu levaria da cidade e com a repercussão do fato.

ok. será isto legítimo? será que a preocupação é esta? isto acontece todo dia! não só comigo, não só em blumenau! não dá pra disfarçar, fingir que não existe! POR FAVOR!

(...) as comissões de direitos humanos estão me ajudando. o comandante geral da polícia de santa catarina vai acompanhar o caso pessoalmente, a furb está sendo exemplar, os meios de comunicação estão envolvidos, os órgãos judiciais já foram acionados, mas tenho umas perguntas:

- Cidadãos de bem não podem andar em grupo de madrugada?
- É correto policiais agredirem um cidadão negro por nada?
- É correto policiais agredirem qualquer cidadão por nada?
- É coerente o comandante da polícia militar de blumenau dizer ao vivo num jornal tantos absurdos sem apurar os fatos e justificar erros medíocres de seus subordinados apenas para proteger a reputação da corporação?
- É legítimo o portal terra se recusar a publicar o acontecido só porque eu não quis enviar fotos dos hematomas? O que é mais importante no acontecido senhor editor?
- É lúcido o comandante da polícia militar de blumenau, no jornal noturno, dizer que os policiais não serão afastados por se tratar de um caso que não tem tamanha gravidade, mesmo em poder do exame de corpo delito?
- É natural uma cidade achar que a vida é uma festa de família e se preocupar somente com o verniz que esconde algumas traças?

estas são as primeiras perguntas, outras virão à reboque. VÁRIAS. O processo está apenas começando. fico feliz por não ser somente um fato, uma coisa que aconteceu somente comigo. tudo isso despertou nos habitantes de blumenau um sentido de pertencimento e reivindicação de direitos. fatos como esse acontecem todos os dias e não podemos fingir que não é conosco, que não nos diz respeito.

apanhei. muito. MUITO. fiquei o tempo todo DE PÉ, de peito aberto. acredito que cada um pode (e deve) fazer mais, denunciar mais, gritar, ir para a rua, buscar o seu direito (...), enfim, SER CIDADÃO.

permaneço de pé e caminhando para que o respeito prevaleça. (...)

A profecia de Pirapora do Bom Jesus

Por **Viegas Fernandes da Costa**, *escritor e editor do site Sarau Eletrônico (www.bu.furb.br/saraueletronico), da Biblioteca da Furb* <viegas@furb.br>

Cândido Portinari, "Retirantes" (1944)

Zé Pedro, Pedra, romeiro, pagava promessa prometida ainda no sertão: o filho que veio e que vingara comendo fé e farinha. Pois então, Zé Pedro é este que vemos descalço e maltrapilho trilhando o asfalto à beira do Tietê. Busca Pirapora do Bom Jesus, cidade de solo santo, destino da peregrinação.

Caminha lento sob o Sol, caminha feliz! Mais de cinquenta quilômetros desde São Paulo, onde largou do ônibus.

Ainda no sertão lhe falara a aparição d'outro Zé, o José de Almeida Naves, que lá pelos idos de 1725 encontrou sobre uma pedra, na beirada do rio, ali onde agora é a Fonte do Encontro, e onde este nosso Zé Peregrino, Pedra, pretende lavar os pés, a imagem do Senhor Bom Jesus. Imagem milagreira como reza a tradição: enfrentou o fogo sem se queimar e fez surdo-mudo falar, conta o povo e a história do lugar. Mas disto não sabia Zé Romeiro até então. Sabia apenas o que aquele Zé Naves lhe segredara em noite de lua, calor e medo: "presta atenção, vai para Pirapora, agradece teu filho e batiza o nome dele na fonte do Encontro. Mas vai no dia em que o céu será terra, e a terra céu será!" "Não entendo!" – balbuciou Zé Pedro, feliz por ser pai. "Entenderás! Mas vai, lá onde encontrei a imagem do Bom Jesus. Lá onde a água não se pode beber. Vai."

E Zé Pedro foi! Foi porque tinha fé. Foi porque prometeu que ia agradecer o filho vivo. Foi porque a Aparição mandou ir.

Nada sabia da cidade. Pediu informação. Contaram-lhe dos milagres, como aquele do carro de bois. Queriam tirar a imagem do lugar, botaram no carro e tomaram a estrada. Na curva os bois pararam num sem jeito de continuar a viagem. Foi quando o surdo-mudo apareceu e disse, com fala possível de se ouvir, para devolver o Bom Jesus ao lugar em que escolhera ficar. E assim se fez: os bois voltaram, a imagem também e um homem aprendeu a falar. Zé Pedro, peregrino, pensa se não é esta estrada que tocam seus pés descalços a mesma em que pararam os bois naquele tempo distante. Será? Asfaltada, a rodovia dos romeiros, como lhe explicaram os da romaria em que tomara carona naquele dia: o dia da profecia? Como saber? "Entenderás" – falou novamente a voz do José Naves. Não entende nada, ainda, mas os pés mandaram ir, o dinheiro guardado para a passagem, e então foi, e está ali, feliz, o Sol quente tisnando o lombo mal coberto pela camisa.

Chegou cansado quando o dia já bocejava de sono. Viu a praça, a fonte, sentiu uma coisa estranha dentro de si, e foi mergulhar os pés na água santa. Mas como cheirava mal aquela água do Tietê! Lembrava a catinga do gado que apodrecia no sertão.

Lá na fonte rezou, agradeceu, lembrou o filho vivo, lembrou a mulher seca como um pau seco, mas bonita aos seus olhos de Zé Pedro. Depois foi até a igreja, bonita, não como a igrejinha tapera da sua terra, de barro, mas de pedra, pintada, telhada, iluminada. Como se sentiu pequeno naquela igreja! E depois saiu para a noite que vinha chegando.

Na praça um banco que acolheu seu corpo. Dormiu encolhido, pois para este Zé do sertão fazia frio naquela noite em Pirapora. E no sono lembrou-se então da profecia, do céu que vira terra, da terra que vira céu. A voz do José Naves martelando em sua cabeça, mandando abrir os olhos, entender. E viu então: as nuvens baixas, cobrindo o chão, cobrindo a praça, cobrindo o banco, cobrindo seu corpo de peregrino. Não sabia que nuvem cheirava mal. Achava que nuvem fosse doce como algodão doce. Mas aquelas nuvens, daquele céu de profecia, cheiravam mal. Cheiravam mal e faziam arder os olhos. E foi com os olhos ardendo que começou a andar sem ver nada além das nuvens. E foi andando que encontrou o Tietê, fétido Tietê. E o Tietê o abraçou. Abraçou e levou embora.

XX

Lá no sertão uma televisão ligada à bateria entretém pequena multidão. Há, lá no canto, uma mulher seca como um pau seco, como as outras mulheres secas diante da televisão. A mulher seca como um pau seco traz ao colo pequeno menino adormecido. De repente a cena curiosa narrada pelo repórter: "espuma de poluição do rio Tietê, com cinco metros de altura, invade a cidade de Pirapora do Bom Jesus durante a madrugada".

A mulher seca como um pau seco reconhece o nome da cidade: "meu Zé Pedro tá lá".

E ela achou aquela espuma parecida com as nuvens. E ela achou tudo aquilo muito bonito. E ficou feliz, porque quando voltasse, Zé Pedro ia contar como é tocar o céu.

** Texto publicado no livro "Sob a Luz do Farol" (Blumenau: Hemisfério Sul, 2005).*

Um sindicato de jornalistas, dos jornalistas

Na eleição da diretoria do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, a Chapa 1 – Sindicato Mais Forte É Sindicato Presente é a que representa a concepção mais próxima das posições do Sinsepes de sindicalismo e representação dos trabalhadores

Por **Tulio Vidor**, *presidente do Sinsepes*

Nos dias 25 e 26 de agosto, os jornalistas de Santa Catarina elegem a nova diretoria de seu sindicato para o mandato 2012/2014. A direção do Sinsepes, amparada na concepção de mídia sindical, de comunicação com a base e com a comunidade e de representação dos trabalhadores que desenvolvemos nos últimos três anos, defende a candidatura da Chapa 1 – Sindicato Mais Forte É Sindicato Presente no pleito que se aproxima.

A direção do Sinsepes defende a candidatura da Chapa 1 – Sindicato Mais Forte É Sindicato Presente

A comunicação sindical foi tema central da candidatura que nos levou à direção do Sinsepes nas eleições de 2008, oportunizando a defesa de uma nova relação com os trabalhadores diretamente representados e com a sociedade de modo geral. Defendemos que os trabalhadores da Furb não formam identidade pelo isolamento, pelo contrário, a representação política destes trabalhadores se aprofunda e agrega qualidade à medida que se aproxima e interage com os trabalhadores de todas as categorias, unindo as características específicas ao reconhecimento de classe trabalhadora. Esta concepção norteou a relação do Sinsepes com outros sindicatos de trabalhadores, nossa efetiva participação no Fórum dos Trabalhadores de Blumenau e permitiu a produção dos periódicos de mídia impressa e televisiva (respectivamente *Expressão Universitária* e *Cidadania em Debate*) nos formatos atuais. Veicular as concepções dos trabalhadores da base, marcar as posições de direção de forma clara e possibilitar acesso às discussões ligadas mais diretamente a outras categorias e aos principais temas da sociedade são características indispensáveis dos periódicos sindicais e de um sindicalismo cidadão.

Defendemos uma comunicação e um jornalismo crítico e libertador. Os profissionais do jornalismo ocupam, desde a invenção da imprensa e desta categoria profissional, posição destacada nos principais acontecimentos do mundo. Quando não implicados diretamente nos eventos, são os porta-vozes, os repórteres, os comunicadores. Hoje, são até mesmo "moeda de credibilidade", com rostos e assinaturas disputados por conglomerados super poderosos de mídia, agregando credibilidade a notícias de fonte ou perspectiva editorial duvidosa. Nesta perspectiva, é o jornalismo uma profissão de pensamento livre? Podem seres humanos trabalhadores, em uma profissão não regulamentada, com registro profissional sujeito a entendimentos dos mais ambíguos, em uma sociedade que carece de informação independente de interesses e com veículos dominados

Defendemos uma comunicação e um jornalismo crítico e libertador

por pouquíssimos conglomerados super poderosos, serem profissionais livres? A prática do jornalismo é muito mais do que interesse de classe, é tema de interesse social. O fato é que seres humanos jornalistas precisam ser defendidos como seres humanos cidadãos, pensantes e partícipes dos rumos da sociedade. Os veículos de imprensa tem suas linhas editoriais e concepções, sejam eles vinculados aos poderosos conglomerados ou mesmo ao sindicato, porém é necessário que os jornalistas sejam agentes do seu fazer profissional, sem que os grandes veículos da mídia os calem em nome da "neutralidade" ou da ética profissional, deturpada para satisfazer e dar voz aos interesses invisíveis de seus "donos".

Defendemos a Chapa 1 por entender que o conjunto dos trabalhadores componentes desta chapa representam, na forma mais democrática, mais conhecedora dos temas centrais, mais próxima dos trabalhadores, mais distribuída geograficamente e única desvinculada dos interesses patronais, a capacidade de promover os debates necessários, representar e defender os trabalhadores jornalistas frente aos desafios da categoria.

A Chapa 1 apresenta aos eleitores uma mescla da atual diretoria do sindicato com uma salutar renovação de quadros, importantíssima no sindicalismo atual. Assim, traz a experiência e a atuação que pudemos testemunhar no atual mandato e o vigor de novas idéias e novos dirigentes. Seus integrantes foram nossos parceiros em diversas atividades, no apoio às mídias comunitárias (em Blumenau, Rádio Comunitária Adenílson Teles), na constituição e apoio ao Movimento dos Atingidos pelo Desastre (organização comunitária formada após as enchentes e enxurradas de novembro de 2008) e são parceiros regulares nas publicações do *Expressão Universitária*.

A Chapa 1 também apresenta, na nossa visão, maior capacidade de discussão das especificidades regionais. Em um sindicato de base estadual, esta candidatura apresenta uma marcante capilaridade através dos dirigentes e delegados sindicais presentes em diversos pontos do Estado. Ao contrário da outra candidatura (absolutamente concentrada em representantes de Florianópolis), a Chapa 1 representa uma proposta de sindicalismo presente, de atuação não restrita à capital, mas marcante também no interior do Estado, com capacidade de intervenção nos problemas de cada região.

Uma direção formada somente por trabalhadores é exclusividade da Chapa 1

Uma direção que não teme enfrentar a democracia. Esta é outra característica que sustenta o posicionamento do Sinsepes em defesa da Chapa 1. A prática da atual direção, e o posicionamento dos novos dirigentes candidatos, possibilita a participação da categoria de forma muito efetiva. Mais do que isso, a candidatura é plural, seus membros tem concepções plurais sobre o jornalismo e isso não impede o posicionamento claro, mesmo nos temas mais polêmicos. Não fugir da diversidade torna as defesas mais fortes e uma direção de sindicato de trabalhadores precisa ser forte, precisa ser presente e precisa ser dos trabalhadores, características que neste pleito são exclusivas da Chapa 1.

Conheça as posições, as propostas e a nominata da Chapa 1 – Sindicato Mais Forte É Sindicato Presente acessando http://sjscmaisforteepresente.wordpress.com

facebook.com/sjscmais
sjscmaisforte@gmail.com